UMA ABORDAGEM CRÍTICA DE "FELIZ ANO NOVO" DE RUBEM FONSECA

Marli Teresa Furtado

"A arte é um modo peculiar de manifestação do reflexo da realidade, modo esse que não é mais do que um gênero das relações universais do homem com a realidade, nas quais aquele reflete esta". (1)

É inexpressável o número de desejos que condensamos na expressão *Feliz Ano Novo* quando nos contraternizamos com as demais pessoas. Tornam-se inumeráveis as felicidades que aguardamos quando recebemos esses votos de alguém. E, naturalmente, essas felicidades esperadas por nós e esse número de desejos condensados na mensagem não se dissociam do nosso mundo ou do modo pelo qual encaramos o mundo ou ainda das possibilidades de felicidade que esse mundo, já estratificado em um sistema nos oferece, completando-se assim a inerência entre nós, homens, com a sociedade na qual vivemos e com a ideologia de que somos partidários, quer consciente, quer inconscientemente.⁽²⁾

De acordo com essa inerência, seria até fácil supor a carga de desejos e esperanças encerrada no voto de Feliz Ano Novo dado a Pereba e Zequinha pelo narrador do conto "Feliz Ano Novo" de Rubem Fonseca. Estéril seria, no entanto, um trabalho dessa estirpe, não o sendo porém, em se tratando de arte uma vez que a arte é o reflexo peculiar da realidade objetiva nosso adentrar o texto com o objetivo de, numa análise crítica, tentar vislumbrar como a forma se faz mediadora entre a ficção e a realidade, como ela organiza os dados da ficção e os da realidade.

(1) LUKÁCS, Georg. *Estética*, vol. I. Barcelona. Ed. Grijalbo, 1966, p. 21.

(2) Nossos pressupostos teóricos para o conceito de ideologia foram os estudos de: ADORNO, T.W. et alii. *La personalidad autoritaria*. Buenos Aires. Editorial Proyección. 1965.

Numa primeira leitura do conto, somos golpeados pelo modo bruto com que se nos apresenta a ação violenta do narrador, de Pereba e de Zequinha, e somos levados ao medo. Esse medo, por sua vez, cria em nós uma certa repulsa aos assaltantes-personagens do conto e o mesmo se estende ao mundo desses assaltantes retratado por Rubem. Entretanto, numa segunda leitura crítica já somos impulsionados à análise da essência dos fenômenos (singularidades) com que nos deparamos no decorrer da narrativa. Percebemos, então, estarem os três personagens inseridos num contexto social que se faz essência dos fenômenos instauradores do real. O contexto social de que fazem parte, estrutura-se na sociedade capitalista, cuja existência supõe necessariamente a existência de uma classe trabalhadora, explorada por uma classe que controla os meios de produção e as fontes de matéria-prima. Aparece na narrativa a dicotomia rico/pobre com uma polaridade desta última, ou seja uma classe marginalizada que recorre à violência para sobreviver. O narrador, Zequinha e Pereba, assim como o mencionado Lambreta, estão sitiados numa realidade opressiva: de um lado há toda uma excitação ao consumo (vide abertura do conto), veiculando aí, e desse modo impondo-se, uma ideologia através da TV, do rádio, dos jornais, da cultura vigente que fá-los acreditar ser o mundo do consumo e da propriedade material o melhor dos mundos. De outro lado há a nudez de recursos para atingir o estilo de vida apregoado pela propaganda, margeada essa nudez pela escassez de opções oferecidas àqueles de quem se explora a força de trabalho. Ora, se somarmos a ideologia de que estão imbuídos às suas necessidades fundamentais, teremos um todo organizado dentro deles, o que supõe uma mútua dependência entre personalidade e sociedade⁽³⁾. Temos no caso, então, o porquê da evasiva do narrador, de Pereba e de Zequinha através da violência, forma pela qual tentam superar o muro divisor de terras. Exerce a violência,

(3) ADORNO. Op. cit.

portanto, o papel de mediadora entre as necessidades fundamentais do grupo e sua sobrevivência. É ela quem lhes outorga poder para viver vida ziguezagueante, ou seja, passando da categoria de pobres para a de não ricos, porém "cheios da grana" sem precisarem trabalhar. Aparece-lhes, todavia, a classe perseguidora, a dos policiais, cujos métodos de caça são violentíssimos. À ação violenta dos policiais que "assassinaram o Bom Crioulo com dezesseis tiros no quengo", "estrangularam o Vevé", jogaram o Minhoca todo arrebetado no Guandu" e "tocaram fogo no Tripe", o grupo responde com uma conspiração de ódio contra eles e de ódio maior contra os ricos, armando-se mais e mais e idealizando as mortes dos policiais ("ainda dou um tiro com esta belezinha nos peitos de um tira, bem de perto, sabe como é, pra jogar o puto de costas na parede e deixar ele pregado lá." p. 11). Surge aí o círculo retroativo de violência gerando violência, frieza e impassibilidade perante o ser humano, fazendo emergir frieza e impassibilidade de um modo tal que, exemplificando com a cena do assalto, não há possibilidade de diálogo entre os grupos humanos opostos — no caso o grupo assaltante e o grupo assaltado.

Não se pode esquecer, a essa altura, uma singularidade presente no conto: a instauração do mundo da classe marginalia através de sua linguagem própria. Munidos de um linguajar popular e cheio de gírias os três "bandidos" presentes na narrativa mostram-nos o hic et nunc da ação a qual se passa em tempos atuais no Rio, com as devidas vicissitudes das grandes metrópoles que dia a dia, conforme o progresso, mais desumanizam o homem, já então desumanizado nas favelas e nas camufladas favelas — os conjuntos residenciais de baixa categoria — ("Esse edifício está mesmo fudido, disse Zequinha, enquanto subíamos, com o material, pelas escadas imundas e arrebetadas", p. 15). No processo de desumanização, insere-se a reificação do ser humano, especialmente, conforme confrontação com o texto, da mulher, considerada apenas como objeto de prazer sexual. Além de luxuosa e ociosa aos três personagens, a mulher rica aparece como símbolo da ostentação da classe a que pertence, pois está sempre bem vestida e cheia de jóias. Vai daí as execuções frias das duas mulheres no momento do assalto.

Convém lembrarmos ainda a auréola de respeito que há entre o componentes da classe marginália, de acordo com a atuação de cada um no crime. Todos respeitam o mencionado Lambreta, pelos diversos trabalhos que já realizou, de uma maneira tal que, mesmo sua possível homossexualidade passa a ser também respeitada. Evidencia-se deste modo a consciência que eles têm — especialmente o narrador — do poder concedido pelo status (“Cara importante faz o que quer, eu disse”. p.11).

Comparando-se os três personagens, percebe-se no narrador algo que talvez se poderia caracterizar de maior senso crítico ou maior consciência da manipulação do homem pelo homem no contexto vigente. Enquanto Zequinha aparece de um modo mais comum, mais sem caracterizações específicas, Pereba encarna o tipo, o nosso tipo, marginal, em geral feio, desdentado e com alguma marca física, no caso dele o estrabismo.

Postos esses elementos, de ordem social, presentificados na narrativa, faz-se necessária a seguinte colocação: ainda que o conto de Rubem Fonseca nos leve a perceber, numa leitura crítica, a essência dos fenômenos instauradores do real, ele não chega ao questionamento do real, concedido mais na exposição bruta e ligeira de uma situação de violência, fenômeno constante em nossas cidades e em nossa vida atual. Podemos dizer que, através da forma, o autor reflete uma realidade objetivamente, dando-lhe um caráter de concreticidade, sem contudo, tomar uma posição crítica perante esta realidade. Conquanto pareça haver no narrador algum indício de consciência de sua posição no contexto social, essa possível consciência fragmenta-se e não chega a ser a tomada de um posicionamento que se possa classificar como o lançar de um grito contra o sistema. Pelo contrário, conforme diria o Professor Alfredo Bosi, parece que o autor deixa-se envolver pela violência, parece exprimir uma violência que está dentro dele, dentro de nós, dentro do sistema, de uma forma tão direta, tão sem mediações, tão sem uma consciên-

cia crítica que no fundo ele pode parecer mais um elo dessa desviolência generalizada.⁽⁴⁾

Temos que afirmar, portanto, que "Feliz Ano Novo" é uma narrativa de ficção com traços da arte realista, mas aproximada do naturalismo, pois, segundo ainda A. Bosi a análise dos elementos de ordem social, o espelhismo de uma situação de violência, o caso da narrativa analisada, não têm necessariamente uma função pública de resistência, sendo nesse caso um eco do sistema, uma maneira pela qual o escritor acaba reproduzindo a mesma violência do sistema.

(4) BOSI, Alfredo. Entrevista concedida durante a realização do curso Literatura e Sociedade, na Universidade Federal de Santa Catarina, em julho de 79.